

Eu e os Discos Voadores

Roberto V. Ribas

Março, 2008

Sempre fui muito cético a respeito de OVNI's e coisas semelhantes, como PES (Percepção Extra-Sensorial), etc., mas nunca deixei de ir atrás de um bom relato. Livros e programas de TV sobre o assunto talvez me atraíssem há muito tempo, já não mais. Me lembro, por exemplo, de ter lido, ou ao menos dado uma olhada no famoso “Blue Book”, da década de 1960, que encontrei na Biblioteca do Instituto de Física. Minha lembrança mais remota sobre um caso desses, por aqui, de divulgação nacional, se refere a um voo noturno, acho que indo ou vindo de Manaus para o sudeste do país, em que tanto passageiros como o copiloto da aeronave relataram o ocorrido na TV e outros meios de comunicação. Um objeto não identificado acompanhou a aeronave durante boa parte do voo. Acho que já nesses relatos, alguém aventou a possibilidade de ser o planeta Vênus, que na época deveria estar com luminosidade particularmente intensa. A “veracidade” das informações relatadas na “media”, vinha principalmente do tal copiloto, por ser pessoa com experiência em observar fenômenos naturais no céu. Fiz algum cálculo rápido da posição de Vênus, e concluí que no horário observado, por volta de 20hs, já não seria mais visível. Não sei como, mas consegui o telefone do piloto do tal avião. Conversei rapidamente com ele alguns dias depois, e com muita convicção ele me disse que achava ser realmente Vênus. Disse a ele que acreditava que o planeta não estaria mais visível naquele momento, mas sem muita convicção. Logo depois, me dei conta de que a observação se dera a cerca de 10km de altitude e que de lá Vênus ainda estaria visível. Tenho uma vaga lembrança de ter ligado novamente a ele e o informado de meu erro.

Um acontecimento pitoresco se deu em Botucatu, na parte mais alta da cidade, onde se ia, nas noites claras, ver o céu, as estrelas e o clarão de cidades distantes. Numa época, início dos anos 1970, ia-se lá no final da noite, ver um tal “disco voador” que aparecia todo dia, pouco antes do nascer do sol. Coisa de jovens, sem mais o que fazer no final da balada. Acho que a maior parte das pessoas realmente não levava a sério a história, mas ia pelo divertimento. Na época, eu tinha um pequeno telescópio, rudimentar, que também apresentava enormes distorções cromáticas, quando o objeto de observação não se encontrava no eixo óptico do mesmo (a luneta, na verdade, pertencia ao Consorti, algum tempo depois a devolvi). Como vou relatar mais tarde, manter um objeto astronômico no eixo de uma luneta ou telescópio, sem um sistema automático de compensação para a rotação terrestre, é muito difícil. Levei lá o instrumento, o focalizei no tal objeto, e as pessoas faziam fila para observá-lo. Até que um, no final da fila, já vendo o planeta na borda do campo de visão, sai em altos brados: “o disco voador é todo colorido, como um arco-íris...”

Dois outros acontecimentos, esses também praticamente sem divulgação, se deram na época em que morávamos em Londrina, no norte do Paraná. O primeiro em uma noite, quando estávamos, eu Margot, e alguns amigos na casa de um deles. Começamos umas histórias sobre estrelas e constelações e como sei localizar algumas das mais interessantes em nosso céu, saímos à rua para observá-las. Acho que eu estava ainda no Cruzeiro do Sul, mostrando como prolongar seu eixo maior para encontrar a direção do polo sul do planeta, (prolonga-se 3 e ½ x o eixo maior, para baixo e lá está a direção do eixo de rotação da Terra) quando alguém disse (talvez o Dinho Pelegrini, acho que estávamos em sua casa): e aquilo o que é? - apontando para um bólido extremamente luminoso, que se deslocava em

alta velocidade, numa rota aparentemente paralela ao solo, pois o observamos por minutos e não o vimos cair. Minha interpretação à plateia foi se tratar de um meteorito que entrou na atmosfera em uma direção tangencial e por isso, se é que nela não se queimou todo, o que sobrou deve ter caído muito distante de nós. Alguns talvez não ficaram satisfeitos com minha interpretação, mas acho que no final, ninguém saiu dali com a certeza de ter visto um OVNI.

O segundo acontecimento em Londrina é bem mais interessante e difícil de explicar. O que vi, acredito ter identificado, mas os relatos de acontecimentos anteriores no mesmo local não são tão explicáveis. A história começa quando um jovem aparece no Departamento de Física da Universidade de Londrina, onde na época eu era professor (1976-1978, não me lembro exatamente a data do acontecimento), com um saco de papel, desses de padaria, cheio de folhas de pés de café. Pediu a alguém do Departamento se poderia verificar se aquilo não estava radiativo. Eu e Carlos Apolloni eramos os dois únicos físicos nucleares no Departamento, e caso o acabou vindo para mim. Conversei com o rapaz que me relatou acontecimentos que vinham ocorrendo em uma fazenda na região de Londrina. Não me recordo se cheguei a medir a suposta radioatividade das folhas de café, mas eu, José Carlos (Jocar) e Rute Rodrigues, um casal de professores do Departamento, ficamos muito interessados no relato e marcamos um dia para ir até a tal fazenda, conversar com os moradores e ver melhor do que se tratava. Fomos, por vários dias, no final da tarde, tentando observar algo, como eles relatavam. No primeiro encontro com os empregados da fazenda, a interferência de nosso amigo sempre foi muito grande, muitas vezes relatando o medo que os moradores lhe tinham transmitido sobre as ocorrências. No geral eram bolas de fogo que perseguiam as pessoas, à noite. Pessoas simples, do campo, fazem seus relatos em uma linguagem que nós da cidade muitas vezes não sabemos interpretar bem. Com nosso amigo, que obviamente acreditava piamente em extraterrestres interferindo na conversa, ficou difícil ter uma ideia mais clara do que ocorria. Por isso voltamos outras vezes, sem seu acompanhamento. Numa dessas vezes, estava na fazenda o administrador e sua esposa. A fazenda era uma herança de pessoas que viviam distante e esse advogado, se me lembro, de São Paulo, vinha periodicamente para administrar a propriedade. Sendo uma pessoa letrada, a linguagem usada na descrição da versão dele desses acontecimentos era mais fácil de se assimilar. Acontece que as experiências que ele e sua esposa tinham tido desses eventos eram ainda mais interessantes. Ele relatava bolas brilhantes em movimento, em noites de chuva, à beira da estrada. Ou esferas também luminosas, muito grandes, a distâncias de cerca de 100-200 metros, segundo sua avaliação. Me lembro que muito antes disso, meu tio João Dias, que tinha fazenda na região de Umuarama, bem distante dali, também me dizia dessas grandes bolas luminosas no céu, que mudavam de cores, muito semelhantes a essas que o administrador da fazenda nos relatava (sua esposa, que sempre o acompanhava nessas viagens também as presenciou, mas em nossas conversas sempre permaneceu distante, pois não lhe agradava lembrar essas coisas). Voltamos mais alguns dias no final da tarde, mas a única coisa que vimos foi uma luz intensa, distante, segundo minha opinião, um quilômetro ou mais, muito próximo ao horizonte. A luz cintilava e parecia ter um movimento não muito rápido, mas também não era lento. Perguntamos aos moradores se aquilo era o fenômeno que eles vinham observando, mas não tinham certeza. Anotamos o horário do acontecimento e depois descobrimos que coincidia com a chegada de um voo noturno a Londrina, numa direção que fazia sentido. Depois paramos de ir à tal fazenda, e não sei dizer o que é que acontecia por lá.

Esse pode ser um relato sem explicação. Mas o relato que farei a seguir, mostra como coisas fantásticas podem ocorrer, e que também poderiam ficar sem explicação. Isso e certos truques de mágica que vemos ao vivo ou na TV, demonstram como a mente humana pode

fazer interpretações falsas da realidade. Decidir entre o que realmente está ocorrendo e o que nosso cérebro está interpretando, pode ser muito difícil, mesmo para um cético como eu.

Este último relato se refere a um acontecimento no início dos anos 1980. Morávamos em uma rua plana e sem saída, longa um quarteirão, no bairro do Rio Pequeno, em São Paulo. Sendo a rua plana e somente com pequeno tráfego local, era o local de brincar preferido de minhas filhas e suas amigas e amigos. Tinha então uma outra luneta, esta com ótica bem melhor, mas com o mesmo sistema rudimentar de orientação e movimento. De quando em quando, montava o instrumento na rua, e a criançada se divertia olhando as crateras da Lua ou os anéis de Saturno. Nesse dia, provavelmente um sábado, eu via algum programa na TV, quando minhas filhas me chamaram, pedindo que montasse a luneta, para elas e amigos observarem o céu. Levei a luneta e a escadinha de madeira que fazia também vez de tripé, montei e olhei o céu para ver o que poderia mostrar. Não era dia de Lua e não podia localizar nenhum planeta de interesse, como Júpiter e suas luas, ou Saturno e seus anéis. Uma “estrela” mais avermelhada me pareceu ser Marte. Com o poder de resolução de minha luneta, Marte não teria muito interesse, embora pudesse ser visto como um corpo de diâmetro bem definido. Não achando nada melhor, apontei a luneta para ela. Após cerca de um minuto para poder acertar a pontaria (nada fácil, as pessoas que não estão habituadas em geral não conseguem, nem num intervalo de tempo muito maior), focalizo o objeto e concluo: não é Marte! Eram cinco fontes luminosas, que no telescópio apareciam separadamente, formando um triângulo – uma na ponta depois duas mais afastadas na metade da altura e depois mais duas na base. Absolutamente paradas, para que eu as pudesse localizar e focalizar. Estava vendo algo que não sabia explicar. As crianças começavam a ficar impacientes, querendo observar, mas eu não podia tirar o olho da ocular. Observei o objeto por uns trinta segundos e então pedi às filhas que fossem chamar a mãe, para comprovar o que eu estava vendo. Nisso o objeto começou a se mover. Numa velocidade pequena, mas o suficiente para que eu não conseguisse mais localizá-lo com a luneta. Fico minutos tentando colocá-lo no campo de visão, mas sem sucesso. Quando tiro o olho da ocular e olho o céu, o tal objeto está não a mais que uma centena de metros de altura, muito próximo à vertical de onde estava. Minhas filhas voltam com a mãe, já que minha ordem de buscá-la lhes pareceu bastante séria. Margot é ligada às artes e essas coisas do desconhecido lhe atraem de uma maneira bastante diferente da minha. Não era a pessoa que eu julgava adequada para testemunhar a observação de um objeto daquele tipo. Mas não tinha outra opção. Ela chega, eu mostro o objeto no ar, que agora se apresentava como uma esfera brilhante, emitindo um jato de luz de forma cônica, na direção do solo. Ela me diz: é um balão! Eu digo – não é um balão, é o objeto mais incrível que já vi. Ela repete: é um balão!. Era um balão, de ar quente, desses muitos que soltam em São Paulo e outros lugares, e que aqui são muito comuns. Tendo ficado muito tempo com o olho na ocular do telescópio, quando o tirava para ver a olho nu, minha visão estava embaçada, a íris completamente aberta. Também a certeza de que era algo muito estranho, entorpecia minha mente. O balão caiu a uma centena de metros de minha casa, em cima de uma outra. Fui até lá, avisar aos moradores, para evitar maiores acidentes. Se minha esposa não tivesse chegado a tempo, ou se antes um vento inesperado levasse o OVNI longe, hoje eu estaria relatando uma história muito diferente.